Crítica // *Afire* ★★★★

Fagulha de vida

SCHRAMM FILMES

***Afire*: encontros inesperados do amor**

Ricardo Daehn

É na região da Pomerânia, numa área entre a Polônia e a Alemanha, que o premiado diretor Christian Petzold ambienta o mais recente filme, *Afire*, numa imediata tradução — em combustão. Às margens da abundância do Mar Báltico, se dá o enredo que, em certa medida, cita Pompeia e o desastre romano com a erupção do Vesúvio. Uma floresta que abriga os personagens vem sendo ameaçada por intensos focos de incêndio.

Prêmio do júri no último Festival de Cinema de Berlim, *Afire*, estrelado por Paula Beer (vencedora do troféu de atriz, em Berlim, pelo filme anterior de Petzold, *Undine*), que dá vida à despojada Nadja, e Thomas Schubert, na pele do introvertido Leon, o longa costura um drama pesado com a frutífera relação de todos com as artes.

Leon, com o amigo Felix (Enno Trebs, visto, em criança, no emblemático longa *A fita branca*), no enredo, se recolhe no interior; ele, a fim de escrever o segundo romance e, o outro, querendo montar portfólio de imagens. No fundo, Leon tem gritante relutância em se relacionar, o que limita seu crescimento e maiores vivências, um entrave para sua produção literária. A chegada inesperada do salva-vidas Devid (Langston Uibel) complica todo o cenário, já confuso pela obrigatoriedade de Felix e Leon dividirem a casa de temporada com Nadja.

Em muitos aspectos, o drama alemão faz lembrar um filme americano feito em 1993: *Três formas de amar*, estrelado por joviais Stephen Baldwin e Lara Flynn Boyle. Em meio a descobertas em alojamentos de universidade, aqueles antigos personagens se viam inspirados pelo contato com uma estátua; em *Afire*, é a literatura que alimenta camadas de emoções, numa trama que ainda bebe da fonte das estátuas de Jardim dos Fugitivos (numa referência aos romanos mortos em incêndio). Explorador de mitos e de temáticas modernas, como conferido em filmes como *Barbara*, *Em trânsito* e *Fênix*, Petzold traz muita reflexão, a partir do personagem Leon que, a todo momento, refuga a vida, repetindo: "O trabalho não (me) permite".